

● SALA DE LEITURA | Entrevista Alexandre Faria, professor e poeta



Marisa Loures
Jornalista e professora

Importante começar esse texto invocando as últimas palavras do poeta, em “ourodoooutro” (texto Território, 124 páginas). Elas são certeiras. Talvez, assim, os debates que tomam conta das redes sociais deixem de ser tão vazios e ensimesmados. Talvez, assim, a gente não se esqueça do outro. Isso porque, sem meias palavras, na página derradeira, o poeta escancara barbaridades ocorridas no Brasil ao longo dos últimos 26 anos. Crimes políticos resultantes do ódio. “ourodoooutro” foi composto “há 25 anos das chacinhas/ de vigário geral, carandiru e candelária/ há 22 anos do massacre/ de eldorado dos carajás/ há 21 anos que foi queimado vivo/ galdino Jesus dos santos/ há 13 anos do assassinato/ de doroty mae stang/ há 7 anos do assassinato/ do cacique nísio gomes/ há 5 anos do desaparecimento/ de amarildo dias de Souza/ há 3 meses do assassinato de marielle franco e anderson gomes/ aos gritos de #lulalivre”, escreve o poeta Alexandre Faria.

Escrita como uma resposta aos tempos atuais, a nova obra do professor da Universidade Federal de Juiz de Fora reúne muitos poemas que foram publicados, originalmente, em sites, blogs e Facebook. Ainda que, inicialmente, não fosse sua intenção levá-los para um livro, “com o recrudescimento de ações autoritárias e com a intransigência e o conservadorismo que vão crescendo no Brasil”, ele percebeu que não havia outro caminho além desse. Contudo, paralelamente a essa decisão, ele foi se afastando do que pode ser considerada uma “militância política e on-line”. “Começou a me cansar a maneira pouco reflexiva como questões sérias e complexas da sociedade passaram a ser objeto de disputa de opiniões, quase sempre agressivas e violentas, mas sem disposição para enfrentar os problemas com a complexidade de um pensamento que enfrente as contradições e as dificuldades que lhe são inerentes”, desabafa, para logo explicar o título e o planejamento gráfico da publicação.

“Todos falando a partir de suas convicções, a partir de suas certezas, e uma falta de abertura enorme para a diferença, para a alteridade. Então, pensei ‘ourodoooutro’. O outro, a alteridade, como esse lugar da riqueza. Quis um título em que tudo isso se aglomerasse como uma palavra só, para nomear essa coisa mesmo. O outro é central aí, assim como o ouro é central. Não é uma coisa tentando definir a outra. É uma alteridade como uma necessidade, uma riqueza. Pensei, também, num livro que fosse menos clean. Meus últimos livros eram muito cerebrais, com poemas muito curtos, e com uma página com bastante espaço em branco. E, como é um livro oriundo de poemas que participaram de um debate público nos últimos anos, resolvi fazer uma publicação mais suja mesmo. Essa coisa de juntar as palavras aparece em vários momentos, e a questão de vazar da mancha gráfica da página, vazar até da própria página também. Algumas palavras no livro não acabam. Acaba a página, mas o verso continua, e usei também uma série de recursos manuscritos. Em algumas páginas, inseri os manuscritos como interferências e comentários ao livro.”

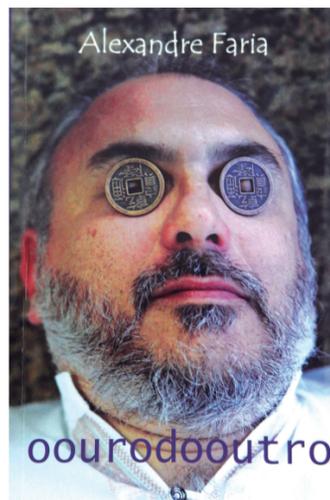
Em “ourodoooutro”, os poemas assumem várias vozes. Não só a do sujeito que se coloca na posição de superior e que se diz militante da paz do homem porque, no conforto do seu lar, por telefone, ajuda uma instituição de caridade. Mas a do negro, da mulher, do índio e do pobre. Leio “ourodoooutro” como um grito de desabafo diante de uma sociedade que, tristemente, hoje e sempre, apresentou e apresenta a mesma cara. O lançamento do livro está marcado para esta terça-feira, às 18h, na livraria Quarup (Rua Padre Café 484 - São Mateus).



Um poeta sempre atuante

FERNANDO PRILMO

O PROFESSOR DA UFJF Alexandre Faria reúne poemas que mapeiam alguns dos principais crimes políticos ocorridos no Brasil ao longo dos últimos 26 anos, em “ourodoooutro”, livro lançado hoje em Juiz de Fora



Sala de Leitura - Sobre essa questão da alteridade, a Fernanda Vivacqua, sua orientanda no PPGLetras, começa a orelha do livro dizendo que “ao falarmos muito do ‘nosso lugar’, não acabamos perdendo a dimensão do outro? [...] De um lado a escrita sobre o ‘outro’ muitas vezes esbarra numa forma de colonização. [...] Mas, por outro lado, me parece tão cômodo não tentarmos produzir um discurso sobre o ‘outro’, porque, de uma certa forma, assim também não pensamos em nós.” É um impasse que seu livro apresenta. Quem são esses outros?

Gosto muito dessa leitura da Fernanda. Esse texto da orelha vem de uma carta que ela escreveu. Ela é uma das primeiras leitoras desse livro quando ele ainda era um projeto. O comentário dela se desdobra de uma forma muito interessante, porque, realmente, hoje, uma das questões centrais da sociedade é o lugar da fala. Quem fala de onde, qual a autoridade que tenho para falar do que estou falando? Então, isso também acaba se tornando um limite para aquilo que eu estava chamando de uma interação com o outro e de uma percepção da diferença, porque, se eu falo apenas do meu lugar de fala, vou falar por mim, vou falar pelos meus, e cada um vai falar pelos seus. Isso é extremamente legítimo, isso representa um lugar de conquistas na sociedade brasileira, de grupos que são sistematicamente marginalizados: as mulheres, os gays, os negros, e por aí vai. Na leitura da Fernanda, ela aponta para as contradições. Realmente, é muito difícil a gente querer falar do outro, querer assumir uma posição em relação ao debate público na sociedade, uma posição em relação às necessidades que os grupos sociais minoritários têm, sem querer tomar o lugar deles. É isso o que tem movimentado, inclusive, todas as ações políticas. É sempre um grupo, ou um político, defendendo a necessidade do outro. Então, não é dessa forma e com essas certezas, mas é justamente expondo as contradições.

Acredito que seja dever do poeta interpretar o seu tempo. Você é um poeta que não se cala. No entanto, resolveu se afastar, nos últimos meses, do que você chama de militância política e poética on line. Não era o mo-

mento de atuar ainda mais?

Sempre é, e eu nunca deixei de me sentir um poeta sempre atuante. E a condição do poeta atuante, pensar um escritor que atua, não é simples, porque, quando a gente fala de atuar, a gente está falando de atos, de ações. E, necessariamente, o escritor trabalha com palavras. E em que medida as palavras são ações? O que eu acho que a gente tem que ter cuidado é com essa ideia de que nós temos que interpretar a realidade. É como se as palavras que resultariam desse processo de interpretação da realidade fossem dar um sentido para a realidade, porque o que todo mundo está defendendo é o sentido e a verdade da sua posição. Então, acho que interpretar funciona mais no sentido de quando a gente diz assim: o ator interpreta um personagem, a interpretação como algo que se faz através de um ato. E o poema, nesse sentido, não é um discurso, não é apenas uma palavra, mas ele se constitui como ato, o livro é como ato.

Há espaço para mudança?

Eu, sinceramente, te digo, para me colocar na complexidade que os poemas resolvem encarar, que não se trata apenas de ter jeito, de dizer: “olha, a solução é essa ou aquela”. Na verdade, compreender esse processo como um processo cíclico, como algo que se repete, e para que a gente pudesse sair dele, seria necessário realmente um autoconhecimento e uma autocrítica muito forte da nossa vida política. E o sentido e o significado da nossa participação política. Isso tem jeito, isso é possível fazer, isso se faz em longo prazo, não é de uma hora para outra. Ninguém vai fazer milagres, e acho que a crença em milagres, em salvadores, em messianismo, é um dos motivos por que isso permanece. E é claro que se faz com o atendimento às necessidades primárias da população: saúde, alimentação. E depois se faz com educação, com formação e, sobretudo, com liberdade. Liberdade para que a educação possa ser experimentada como o lugar onde as pessoas vão aprender a conviver com a diferença, com o outro. E, sobretudo, respeitar esse outro. Esse seria um caminho para fundar uma ética, que é ética que falta na sociedade brasileira. Precisam passar algumas gerações. Tem jeito, tem. Mas, como? Por onde?

● “OURODOOUTRO”

Lançamento do livro nesta terça-feira (4), às 18h, na livraria Quarup (Rua Padre Café 484 - São Mateus)

● SALA DE LEITURA

Quinta-feira, às 9h40, na Rádio CBN Juiz de Fora (AM 1010)
Blog no site da Tribuna (www.tribunademinas.com.br)